

- **TRADUÇÃO**

# TRADUÇÃO: POR QUE UM CURSO UNIVERSITÁRIO?

**Marilei Jorge\***

**M**uito se tem dito e discutido sobre o que é tradução e não pretendo aqui esgotar essa questão. Mas desejo propor mais um momento de reflexão a esse respeito, objetivando analisar a importância de um tradutor que possui uma formação universitária nessa área.

O senso comum considera que traduzir é uma tarefa simples, para a qual basta ao tradutor conhecer razoavelmente as línguas envolvidas e, munido de um dicionário, realizar seu trabalho. Tarefa que, aliás, poderia ser feita por qualquer computador de bolso.

Entretanto, traduzir é bem mais do que isso. E aqueles que já tentaram fazer uso de um tradutor eletrônico, mesmo sofisticado, sabem perfeitamente que este é um instrumento auxiliar, até mesmo para textos bastante simples. Mesmo em se tratando de material técnico ou até esquemático, o resultado dessas traduções deixa muito a desejar.

Assim, várias pessoas que se julgavam conhecedoras ou falantes de determinado idioma já fracassaram ao tentar traduzir um texto. Da mesma forma que muitos clientes já se sentiram mal servidos com trabalhos realizados por tais pessoas. E, no mundo todo, enumeram-se os casos de péssimos trabalhos de tradução.

O romancista Milan Kundera criticou severamente seus tradutores na Inglaterra, por deturparem e reduzirem consideravelmente suas obras durante a tradução. Paulo Rónai,<sup>1</sup> citando o livro de Walter Widmer – *Fug und Unfug des Übersetzens* –,<sup>2</sup> nos conta que esse autor encontrou em uma

\* Professora e Chefe do Departamento de Línguas Estrangeiras da Faculdade de Letras e Educação da Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP e doutoranda em Comunicação e Artes.

<sup>2</sup> WIDMER, Walter. *Fug und Unfug des Übersetzens*. Colônia, Berlin: Verlag Kiepenheuer & Witsch, 1959 (Apud RÓNAI, op. cit.).

<sup>1</sup> RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

tradução alemã de *La cousine Bette* nada menos de 428 omissões de razoável extensão. Rónai cita, ainda, outros tradutores que, ao contrário, ampliam e explicam as frases “difíceis” – aspas do próprio autor – em tudo que traduzem.

Sempre houve críticos e autores que discutiram os problemas das más traduções. Porém, se a profissão de tradutor for regulamentada, e se os tradutores passarem necessariamente por uma universidade, pode-se esperar encontrar, a partir daí, profissionais mais bem preparados para um trabalho sério, científico e ético.

A criação de cursos universitários, a partir da década de 1950, destinados à formação de tradutores, cujo número se ampliou bastante recentemente, veio, portanto, suprir uma falha no nosso sistema educacional.

Não há dúvida de que tivemos até hoje, no Brasil, profissionais capazes que desempenharam essa tarefa de forma brilhante, mesmo não tendo uma formação específica. Vários autores, poetas ou estudiosos, muitas vezes autodidatas, mas em geral com uma formação cultural ampla e diversificada, saíram-se muito bem em diversos trabalhos de tradução, guiados por um bom senso decorrente de uma experiência lingüística e literária, graças à leitura constante de bons autores aliada à experiência de vida e a uma bagagem de conhecimentos profundos em diferentes ramos de atividades e do saber.

Acontece que, nos últimos anos, temos assistido a um empobrecimento dos cursos de ensino básico e médio e a maioria dos jovens lê muito pouco. Assim, fazer um curso de língua estrangeira não é garantia suficiente de preparar um indivíduo para a tarefa de tradutor, como também não basta apenas ser usuário de uma língua para traduzir bem.

Uma formação mais ampla e bem orientada, somada, é claro, ao esforço pessoal e à vontade de desenvolver seus conhecimentos e de se tornar um bom profissional, poderá indicar o caminho a ser seguido na busca do ideal de bem traduzir, caminho este que não se esgota na graduação.

A vantagem que um tradutor encontra em uma formação universitária deve-se às especificidades do curso. O estudante não aprende aí apenas a língua, a gramática, o vocabulário, ou desenvolve as habilidades comunicativas, como nos cursos normais de línguas estrangeiras. Ele terá uma formação bem mais ampla.

Em primeiro lugar, um curso universitário de tradução deverá propiciar ao aluno o contato com duas línguas estrangeiras, de preferência de ramos diferentes, de maneira a ampliar seu conceito acerca do que é uma língua e a sua prática em relação ao funcionamento e à estrutura dos idiomas. E a escolha dessas línguas é importante, uma vez que elas devem, justamente, permitir compreender a formação dos idiomas e a relação que existe entre eles.

Em segundo lugar, o curso possibilitará ao aluno adquirir conhecimentos teóricos, de forma a entender mais profundamente as relações internas entre os diferentes aspectos da língua e do próprio ato tradutório. Uma vez que a tradução é uma ação que tem como material as línguas, o estudo da tradução pressupõe a aprendizagem de uma teoria

lingüística geral, exatamente a ciência em que se baseia a tradução, como afirma Mel'cuk.<sup>3</sup>

Em terceiro lugar, o tradutor deve ter bem claro qual a relação entre o uso da linguagem e as situações que ocorrem na sociedade em que ela é empregada. Ou seja, ele precisa conhecer as funções da linguagem e sua significação na teoria da comunicação, além da própria gramática.

Devemos notar que, no que diz respeito à teoria da tradução, ela pode ser estudada sob vários pontos de vista. Por exemplo, para Anton Popovic,<sup>4</sup> "o objetivo da tradução consiste na transferência de certos valores intelectuais e estéticos, de uma língua para outra ... Uma tradução não é uma composição monolítica e estanque, mas uma interpretação de um conglomerado de duas estruturas".

Mario Wandruska<sup>5</sup> considera que "a tradução não é uma simples transcodificação de um mono-sistema padrão para outro mono-sistema padrão: é sempre uma busca de equivalências entre dois poli-sistemas extremamente complexos, sendo o bilingüismo do tradutor sempre um poli-lingüismo".

Já para Martin Heidegger,<sup>6</sup> "pela tradução, o trabalho do pensamento vê-se transposto do espírito de uma língua para o de outra, e sofre assim uma transfiguração inevitável; mas essa transfiguração pode vir a ser fecunda, fazendo surgir sob uma nova luz o assunto em foco".

A tradução pode ser estudada, ainda, por exemplo, no seio da lingüística comparativa, como propõe Catford.<sup>7</sup> Ele considera que a tradução é um processo unidirecional que corresponde à substituição de material textual numa língua-fonte (LF), por material textual equivalente na língua-meta (LM).

Esse autor explica que, para ele, "material textual não é a totalidade de um texto da LF", e que o tradutor trabalha com aspectos do texto, em diferentes níveis de língua, o que significa enfrentar problemas de léxico e de sintaxe, por exemplo.

O futuro tradutor discutirá, ainda, em um curso universitário, aspectos semânticos e semióticos ligados à significação das palavras. Afinal, não há uma correspondência absoluta entre as palavras, de língua para língua, quer sejam termos abstratos ou palavras que indiquem qualidades, ou mesmo que designem objetos, seres e coisas.

Essa ausência de correspondência tem sido estudada tanto do ponto de vista lingüístico como extralingüístico, ou seja, em razão de imposições culturais, sociais ou psicológicas. Georges Mounin nos lembra que "*Les langues découpent diversemment l'expérience non linguistique qu'elles expriment*".<sup>8</sup>

3 MEL'CUK, Igor. *Théorie de langage, théorie de traduction*. Meta/Montréal, v.23, n.4, dec.1978.

4 POPOVIC, Anton. *The concept of shift of expression*. In: *The nature of translation*. Paris: Mouton, 1970 (Apud CAMPOS, Geir. *O ato criador na tradução*. Revista Brasileira de Tradutores (São Paulo), n.2, p.129-44, março 1983).

5 WANDRUSKA, Mario. *Le bilinguisme du traducteur*. Langages (Paris), n.28, 1972 (Apud CAMPOS, op. cit.).

6 Citado in MESCHONNIC, Henri. *Pour la poétique II*. Paris: Gallimard, 1973.

7 CATFORD, J. C. *Uma teoria lingüística da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1980.

8 ["As línguas recortam de formas diversas as experiências não lingüísticas que elas exprimem"] MOUNIN, G. *Linguistique et traduction*. Bruxelles: Dessart et Mardaga, Editeurs, 1976.

Vários especialistas em tradução apontam o fato de que a correspondência entre duas línguas é imperfeita, como Jean Maillot,<sup>9</sup> ou Paulo Rónai,<sup>10</sup> explicando que não é a forma do texto que deve ser mantida, mas sua lógica.

O conhecimento dessas dificuldades e a sua exploração durante as aulas de um curso universitário capacitarão o aprendiz para a utilização consciente de alternativas lexicais e sintáticas, para buscar equivalências, ou para realizar, por exemplo, transformações semântico-lexicais ou semântico-sintáticas durante a elaboração da tradução.

Além disso, paralelamente ao estudo de disciplinas ligadas à Linguística, o estudante desenvolverá, em um curso de tradução, um conhecimento literário que abrange desde questões básicas, como gêneros literários e a própria teoria literária, até a experiência com textos e autores das diferentes literaturas envolvidas. Ou seja, ele deverá estudar obras em língua pátria, que no nosso caso inclui a Literatura Portuguesa e a Brasileira, e em língua estrangeira, geralmente a Literatura Inglesa e a Americana e, ainda, as literaturas envolvidas na segunda língua estrangeira estudada, por exemplo o francês. A escolha dessas línguas justifica-se pela sua importância no mundo comercial e tecnológico, sobretudo no caso da primeira, e, em relação à segunda, por ser a língua que mais influenciou a formação lingüística e literária do português do Brasil, e a própria formação lingüística do inglês. Além disso, esta língua também proporciona um amplo campo de trabalho, uma vez que a produção e publicação científica em francês, em todos os campos do conhecimento, é muito grande.

Completando esse quadro, existem disciplinas específicas, como a Gramática Diferencial que proporciona uma especialização maior à realidade interlingual, além de outras como as ligadas à filosofia e à ética, por exemplo, que completam a formação de cidadão que todos necessitam ter ou, ainda, aquelas que dizem respeito à habilidade de utilizar um computador para realizar sua tarefa de tradutor.

Mais importante ainda será o trabalho constante e monitorado, ao longo de praticamente todo o curso, das traduções técnicas e literárias, sob a forma de comentários, práticas e estágios, que darão ao futuro profissional a experiência necessária para iniciar a construção de sua carreira com a confiança de que, mesmo não sabendo tudo, saberá como e onde buscar esses conhecimentos e que caminho seguir diante de suas dúvidas e dificuldades.

Isto porque, até para traduzir um manual, uma correspondência, um artigo de jornal ou revista, por exemplo, é necessário ter um conhecimento profundo do que se está fazendo.

O ato tradutório, mesmo de um texto técnico, pressupõe o conhecimento maduro do tipo de texto que se tem em mãos. É preciso reconhecer o objetivo do autor ao querer publicá-lo, a quem era dirigido, bem como observar o tipo de linguagem empregada, as possíveis intenções do

9 MAILLOT, Jean. A tradução científica e técnica. São Paulo: Mc Graw Hill do Brasil, 1975.

10 RÓNAI, op. cit.

autor e aquelas que o próprio texto impõe. Sem esquecer que, se, por um lado, um erro em uma tradução literária implica uma perda de natureza estética, por outro, na tradução de um manual ou de um formulário, por exemplo, a troca de uma simples preposição pode acarretar consequências gravíssimas de ordem prática. Portanto, a tradução técnica também é um trabalho que exige o máximo de cuidado e precisão.

Ou seja, além da competência lingüística que deve possuir, o tradutor deverá ser capaz de reconhecer o nível de linguagem a ser empregado, a função de linguagem subjacente à mensagem que está sendo transmitida e os caminhos a seguir, de maneira a obter o resultado que se espera com a tradução de tal texto, para que ele possa realmente servir ao que se destina.

A fim de melhor esclarecer esta questão, vamos tentar fazer um pequeno resumo das etapas envolvidas em um trabalho de tradução. Estaremos pressupondo um estudante, ou um tradutor formado, que já conheça pelo menos razoavelmente as línguas envolvidas. Sua primeira atividade será a leitura do texto que lhe for apresentado para ser traduzido, assinalando os vocábulos ou passagens que lhe chamarem atenção por sua dificuldade.

Essa leitura pode servir também para que o tradutor iniciante verifique se está em condições de realizar o trabalho ou não, caso em que deve imediatamente devolvê-lo e, se possível, indicar outro profissional apto a fazê-lo.

Caso tenha acreditado que está em condições de realizar a tarefa, deve o tradutor, durante essa leitura inicial, realizar uma primeira interpretação do texto em questão. Interpretar, segundo Hjelmslev,<sup>11</sup> é passar de uma forma lingüística de conteúdo para a sua substância, ou seja, o sentido.

Para entender o que seja o sentido, os teóricos da tradução vêm lançando mão de novos conceitos surgidos em várias outras áreas, tais como a análise do discurso, a estilística, a psicanálise, a lógica, a lingüística, a teoria da comunicação e a teoria literária.

Assim, a compreensão do sentido não está somente em tentar apreender aquilo que o autor quis dizer, pois não seria possível a qualquer leitor resgatar completamente as intenções do autor, uma vez que a psicanálise já demonstrou que nem mesmo este é consciente daquilo que seu texto pode apresentar como intenções. Em contrapartida, o leitor-tradutor também estabelecerá com o texto uma relação mediada por um processo que depende da sua visão de mundo, determinada pela sociedade em que vive e por suas próprias experiências de vida.

Dessa forma, o sentido que o leitor-tradutor atribuirá ao texto variará de indivíduo para indivíduo, de época para época. É por esta razão que podem existir tantas traduções diferentes quantos forem os tradutores de um mesmo texto. Ela poderá ser mais pobre ou mais rica, de acordo com as experiências que esse leitor-tradutor tiver. E aí, mais uma vez, justifica-

---

11 HJELMSLEV, L. Prolegomena to a Theory of Language. Traduzido do dinamarquês por F. J. Whitfield. Bloomington: Indiana University, 1953.

se a importância da formação mais ampla e completa que um curso universitário pode propiciar ao tradutor.

Voltando ao problema da interpretação, o que realmente deve nortear a interpretação do tradutor são os objetivos de sua tradução. Deverá reconhecer o tipo de texto que tem em mãos. Saber quem o escreveu, quando e para quem, não com o objetivo de assimilar seus valores e buscar representá-los, mas para que, entendida a obra em seu contexto original, munido de conhecimentos amplos a esse respeito, possa o tradutor ter uma idéia aproximada do que representou esse texto. A partir daí, em razão dos objetivos da tradução a ser feita, o profissional deve escolher o caminho a seguir, os pressupostos em que se basear e ser fiel a eles.

Portanto, essa interpretação pode significar uma pesquisa, mais ou menos complexa, dependendo do texto, quer de termos técnicos, quer de informações socioculturais que permitam ao leitor-tradutor alcançar significados aceitáveis para o referido texto.

Tomada a decisão de como traduzir, de ser mais ou menos fiel ao estilo do autor, de qual o registro em que construirá seu texto, passará o tradutor a um exame mais detalhado, subdividindo o texto em partes menores a serem analisadas e resolvidas, sempre à luz da interpretação geral que atribuiu ao todo, testando, assim, sua adequação.

No caso de principiantes, Francis Aubert<sup>12</sup> sugere que, em passagens mais difíceis, o estudante subdivide o texto em partes ou unidades sintáticas de três a seis elementos, fazendo a respectiva análise, de maneira a verificar a compreensão da organização sintática da frase. Para esse autor, as unidades sintáticas contêm as informações linguisticamente ordenadas a respeito do conteúdo, expressas no léxico, nas relações morfossintáticas, na combinatória semântica, na entoação/pontuação, que permitem perceber os elementos estilísticos na língua de partida, de maneira a dar condições para a reprodução do conteúdo e do estilo de forma satisfatória na língua de chegada.

A compreensão desse conteúdo pressupõe, ainda, a observação de referências contextuais e, portanto, é necessário que o tradutor tenha conhecimentos gerais do assunto ou da referência, o chamado conhecimento prévio, que permite ler além do que está explicitado no texto, mas compreender também o que o autor omitiu, conscientemente – por julgar de conhecimento do leitor, ou esperar que este realize deduções – ou até inconscientemente. E essa compreensão deverá, como já dissemos, estar sempre sendo testada a cada nova frase ou parágrafo em relação ao sentido do texto como um todo.

Se um período entra em contradição com a sua interpretação inicial, com o sentido que o tradutor havia inicialmente atribuído ao texto, ou havia um erro na interpretação inicial, e ele deverá revê-la, assim como todo o trabalho realizado até então, ou cometeu algum erro na passagem em questão. Essa testagem constante é a garantia do tradutor de que não se desviou de seu caminho e que continua coerente com seus pressupostos iniciais ou que alguma coisa deve ser reformulada.

12 AUBERT, Francis Henrik. *Etapas do ato tradutório*. Revista Brasileira de Tradução, v.1, n.1, p.13-24, dez. 1981.

O trabalho de interpretação e o de reescritura do texto na língua de chegada são atividades que caminham paralelamente durante todo o trabalho, com revisões constantes que permitam garantir sua homogeneidade.

Assim, no caso do aprendiz, às vezes é necessário passar por essa etapa intermediária, que para Aubert chega à própria análise sintática do texto original, e que permite verificar exatamente os componentes de cada frase, sua organização morfológico-sintática, de forma a esclarecer suas dúvidas e, só aí, então, buscar a melhor forma que corresponda àquela interpretação que fez do texto original, de acordo com os objetivos a que se propôs no início de seu trabalho, para expressar essas idéias na língua de chegada ou língua-meta, lançando mão dos procedimentos que julgar convenientes.

Paulo Rónai lembra que a fidelidade a uma obra é alcançada, na maioria dos casos, pela substituição, e que “a arte do tradutor consiste justamente em saber quando pode verter e quando deve procurar equivalências”.<sup>13</sup> Para escolher ou compor adequadamente as equivalências, o tradutor deverá ter um grande domínio da sua própria língua, no nosso caso, o Português. Também neste aspecto, espera-se que o curso universitário possa aperfeiçoar os conhecimentos do aluno.

Por exemplo, para um tradutor, muitas vezes não basta ser capaz de reconhecer se, no texto a ser traduzido, havia ou não um artigo. Ele deverá optar em Português por colocar um artigo definido, ou indefinido, ou não colocar, independentemente do que havia no original, em razão da situação a ser traduzida naquele momento, baseando-se em seu conhecimento sobre os resultados lingüísticos e de significação de uma ou outra solução.

Quanto aos procedimentos técnicos da tradução a serem empregados, eles foram estudados por vários autores, e certamente não podemos deixar de citar as proposições de Vinay & Darbelnet,<sup>14</sup> que foram discutidas também por Vázquez-Ayora<sup>15</sup> e outros autores. Para eles os procedimentos tradutórios dividem-se em dois eixos, o da *tradução direta* e o da *tradução oblíqua*.

No caso da *tradução direta*, existe uma correspondência de forma. Nesse caso podem ocorrer:

- o *empréstimo*: cópia do elemento como aparece no texto original, pela ausência de um equivalente na língua de chegada, ou por seu emprego ser corrente entre os falantes da LC, como por exemplo *mouse* ou *hot-dog*. Pode-se dizer que, nesse caso, não houve tradução;
- o *decalque*: reprodução aproximada do termo, na língua de chegada, como ocorreu com “quebra-luz”, do francês *abat-jour*;
- a *tradução literal*: em que se traduz palavra por palavra: *Conseil d'État*, *Council of State*, Conselho de Estado;

13 RÓNAI, op. cit.

14 VINAY, J.-P., DARBELNET, Jean. *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction*. Paris: Didier, 1977.

15 VÁZQUEZ-AYORA, Gerardo. *Introducción a la traducción: curso básico de traducción*. Washington: Georgetown University, 1977.



Na *tradução oblíqua*, ou não-litera, não há correspondência formal, pois utilizam-se recursos literais ou sintáticos diferentes dos empregados no texto original. Podemos ter:

- a *transposição*: quando há inversão ou troca da categoria gramatical empregada nas duas línguas: *Défense d'entrer* / Entrada proibida;
- a *modulação*: quando há uma mudança do ponto de vista, ou do foco da expressão da mensagem nas duas línguas:

<i>Mes moyens de vivre</i>	<i>étaient modestes</i> (viver)
Meus meios de <i>subsistência</i>	eram modestos

- a *equivalência*: quando são empregadas estruturas totalmente diversas para se obter um mesmo resultado final:

<i>On les achette pour une bouchée de pain</i> / Compram-se a preço de banana
<i>Ça se vend comme des petits pains</i> / Vendem como água

- a *adaptação*: quando se emprega uma outra situação que seria passível de ocorrer naquele momento, por se tratar de hábitos culturais diferentes. Por exemplo, o personagem francês “praticava *rugby*”, passa para “praticava *futebol*”, que seria um esporte de importância correspondente praticado no Brasil.

Essa classificação, que apresentamos aqui resumidamente, tem sido discutida por vários autores. Citaremos apenas a proposta de Barbosa,<sup>16</sup> que critica o eixo literalidade/não-litera em que ela se baseia, pois não esgota os problemas com os quais o tradutor se defronta.

Essa autora propõe que a categorização dos procedimentos técnicos da tradução deve estar relacionada com o grau de divergências entre a língua original e a língua para a qual se traduz.

Ela dispõe os procedimentos ao longo de quatro eixos, a partir dos quais o tradutor poderia trabalhar:

- o primeiro seria a *convergência do sistema lingüístico, da realidade extralingüística e do estilo*. Nesse caso teríamos a *tradução palavra por palavra* e a *tradução literal*, com alterações necessárias para manter a compreensão, mas mantendo-se próximo do texto original. Isto em geral só é possível quando se trata de tradução entre línguas muito próximas e em alguns trechos do texto;
- o segundo refere-se às *formas de organização* diversas de cada língua. Quando ocorrem divergências em nível lexical, morfológico ou sintático, em razão das diferenças entre os sistemas lingüísticos, é necessário fazer-se uso de *transposição*, de *modulação* ou de *equivalência*;
- o terceiro diz respeito a uma questão mais séria, a *divergência do*

16 BARBOSA, H. G. Procedimentos técnicos da tradução.  
Campinas: Pontes, 1990.

*estilo*, que Barbosa emprega na acepção de Bally<sup>17</sup> como correspondendo à expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade. Esse procedimento envolve desde elementos simples, como pronomes, até grandes passagens do texto. Em razão do objetivo da tradução, portanto, o profissional poderia também lançar mão de recursos como a *omissão*, a *explicitação*, a *compensação*, a *reconstrução de períodos* e as *melhorias*;

▪ o quarto caso refere-se à *divergência da realidade extralingüística*, isto é, situações culturais específicas que obrigam o tradutor a situações extremadas. Este é o procedimento mais complicado, pois pode tornar a tradução quase impossível. Nesse caso seria necessário o emprego dos procedimentos de *transferência*, de *transferência com explicação*, de *decalque*, de *explicação* e de *adaptação*.

O emprego de cada um dos modelos propostos dependerá da sua obrigatoriedade, isto é, do prejuízo causado à compreensão, caso não sejam empregados.

Toda essa categorização baseada em eixos, segundo Barbosa, segue muito mais uma questão de grau do que de separação e pode ocorrer o emprego de procedimentos de mais de um eixo simultaneamente e nem sempre de forma completamente independente.

A autora enfatiza, ainda, que as opções a serem empregadas dependerão da teoria das funções da linguagem, do tipo de texto e da finalidade da tradução a ser realizada, como também expusemos no corpo deste trabalho. Dessa forma, qualquer procedimento será igualmente válido, desde que adequado àquilo que o tradutor se propôs a realizar.

Entretanto, é sempre necessário tomar cuidado para não transformar a tradução em uma adaptação, pelo exagero do emprego de expressões que, embora equivalentes, correspondam mais ao estilo do tradutor do que do autor, como bem observa Geir Campos na obra anteriormente citada.

Esse autor nos apresenta o magistral exemplo de Guilherme de Almeida que, ao traduzir as *Flores do mal* de Baudelaire,<sup>18</sup> conseguiu preservar ao máximo os elementos do original, sem dele se afastar em demasia, sem prejudicar-lhe o sentido e sem que tenha deixado de demonstrar sua habilidade de tradutor no uso da língua de chegada. Assim:

*Tu fais l'effet d'un beau vaisseau qui prend le large*

ficou

Ês tal e qual a nau quando ao mar alto larga.

Ou a tradução tão rica e interessante como a que Antonio Houaiss fez do *Ulisses* de James Joyce,<sup>19</sup> da qual cita, entre outros, este exemplo:

17 DUBOIS, Jean et al. Dicionário de lingüística. São Paulo: Cultrix, 1978.

18 BAUDELAIRE, C. Flores do mal. Trad. Guilherme de Almeida. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, s. d.

19 JOYCE, J. Ulisses. Trad. Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

*Bronze by gold heard the hoofirons, steelyringing.*  
Bronze com ouro ouviram os ferrocascos, açoferritinindo.

O grande problema, como aponta Geir Campos, é que muitos tradutores acreditam que podem fazer o que quiserem, isto é, o que acharem melhor, ou mais bonito, com o texto que estão traduzindo, e rompem todo vínculo formal com o texto original, esquecendo-se de que não são eles os autores, criando, no dizer de Campos, textos que são “meras ‘variações’ sobre o tema ou os temas do original”.

Por essa razão, o caso do emprego de procedimentos como a omissão, ou melhorias, por exemplo, em razão das divergências de estilos, no modelo de Barbosa, é uma situação em que o tradutor necessita tomar todo o cuidado, pois deverá ter razões precisas e claras para utilizá-los, não podendo fazê-lo apenas por uma preferência pessoal.

Pode-se notar, portanto, que é muito importante para o tradutor ter uma formação composta de um conhecimento teórico sólido, aliado a uma prática constante, que lhe permita agir com segurança e adequação na solução dos não poucos problemas que terá de enfrentar no exercício de sua profissão. E essa formação, ele a encontrará em um bom curso universitário.

